



BRITO, Marcelo Sousa. Abraçar a cidade: a prática alimentando reflexões. Salvador: Universidade Federal da Bahia (UFBA); Capes; Bolsa de Doutorado; Doutorando em Artes Cênicas; Orientação: Eliene Benício; Programa de Pós Graduação em Artes Cênicas; Ator e diretor teatral criador do Coletivo Cruéis Tentadores/BA.

Abraçar a cidade: a prática alimentando reflexões.

RESUMO

Este artigo traz, a partir de reflexões de um grupo de pesquisadores do GT Territórios e Fronteiras da Cena, uma análise de abordagens práticas na produção de conhecimento. Lançando mão do uso da cidade como gerador de estímulos, parte do grupo decidiu deixar a sala de reunião e se lançar numa vivência da cidade como possibilidade de fazer dialogar todos os anseios e processos presentes nos textos e pesquisas de cada um dos participantes. Diante da heterogeneidade do grupo e a crise existente dentro do próprio GT quanto ao formato de apresentação de trabalhos no Congresso da Abrace 2012 é que foi possível chegar a essa metodologia anárquica que este artigo apresenta.

Palavras-chave: teatro, cidade, reflexão compartilhada.

RESUMÉ

Mots-clés: théâtre, ville, réflexion partagée.

Cet article présente, à partir des réflexions d'un groupe de chercheurs du GT Territoires et Frontières de la Scène, une analyse des approches pratiques dans la production des connaissances. En utilisant la ville comme le générateur de stimulus, le groupe a décidé de quitter la salle de réunion et de se lancer dans l'expérience de la ville en tant que possible de parler de tous les désirs et les processus présents dans les écrits et les recherches de chaque participant. En face de l'hétérogénéité du groupe et de la crise en cours au sein du groupe sur le format de présentation de communications au congrès ABRACE en 2012 qu'il a été possible d'atteindre cette méthodologie anarchiste que cet article présente.

Introdução :

A vida de um (a) pesquisador (a) em artes requer sempre uma busca por novas possibilidades de se firmar no ramo da ciência, mas sem perder a poesia necessária à

arte. Na pesquisa acadêmica a cada curso que se inicia sempre aparece uma dúvida sobre o conteúdo, as práticas e a bibliografia a serem seguidos. Em se tratando de um curso de Pós Graduação em Artes Cênicas essas questões ficam mais latentes, pois, é preciso contemplar toda a variedade de pesquisa e interesses dos alunos-pesquisadores como também alimentar o debate entre arte e ciência além de estimular os alunos a seguirem caminhos variados em suas pesquisas. Abrir portas e janelas para não se fechar em modismos.

Essas questões ficam mais latentes quando se trata de um encontro entre artistas pesquisadores em artes como é o caso das reuniões científicas e congressos da ABRACE (Associação Brasileira de Pesquisa e Pós Graduação em Artes Cênicas). Após uma experiência vivida entre alguns participantes do GT Territórios e Fronteiras da Cena, durante o VII Congresso realizado em 2012 na cidade de Porto Alegre é que me veio a necessidade de comentar alguns procedimentos e textos que, não somente, estimulam o pesquisador a liberar seu campo teórico com o intuito de tornar a ciência menos rígida, menos quadrada como também possibilita atingir um número maior de pessoas e não ficar preso apenas em nosso campo de atuação.

Nesse subgrupo o desconforto já era gerado pelo próprio formato de apresentação de trabalhos e diante da dificuldade de chegar a um ponto comum a todos é que resolvemos atravessar os muros da Universidade e ver o que a cidade de Porto Alegre, ou pelo menos, o que o entorno que nos circundava tinha a nos oferecer como forma de estímulo e reflexão do processo de cada um ali.

Abraçar a cidade:

Só o fato de respirar outro ar, de estar exposto como todo cidadão que vive a cidade já nos propiciou momentos de leveza e integração com esse grupo que acabava de se formar.

Antes de relatar essa experiência é importante descrever como chegamos a ela. Esse subgrupo esteve sempre aberto ao trânsito, a entradas e saídas dos participantes, o importante ali era se sentir bem. Assim, no primeiro encontro, depois de muito silêncio, muita tentativa de fazer “o bonde andar” é que chegamos à conclusão de que deveríamos sair daquela sala já que o GT Territórios e Fronteiras da Cena nos proporcionava essa atitude. Então definimos que, ao sair, faríamos um trajeto, absorveríamos o que essa prática nos traria e retornaríamos à sala para operacionalizarmos o vivido tendo como base os textos inscritos e também a experiência artística de cada participante.

Nesse momento a equipe era a seguinte: Denise Pedron (UFMG), Ines Linke (UFSJ),

Eloisa Brantes (do Coleitovo Líquida Ação/RJ), Francis Wilker (da Companhia Teatro do Concreto/DF), Roberson Nunes (UFMG), Lenine Guevara (Doutoranda/UFBA), Ciane Fernandes (UFBA), Eduardo Andrade (UFMG), Lindsay Gianoukas (Mestranda/ UFRGS) e eu (Doutorando/UFBA).

Assim, livres e abertos ao que a cidade poderia nos oferecer atravessamos os muros da Universidade e seguimos em direção à essa busca de um novo sentido para nosso grupo. Passamos por uma praça onde ficamos um pouco sem a obrigação de criar, performar, ocupar. O importante ali era viver, sentir, observar. Da praça seguimos em direção a um grande viaduto que corta o bairro ligando carros a diversas direções da cidade. Embaixo desse viaduto além da passagem de pedestres, sem teto utilizam o local como moradia.

Depois de realizado esse percurso retornamos à sala já transformados pela experiência e com muitas observações e sensações para compartilhar com os colegas. Assim, definimos que repetiríamos algumas vezes esse trajeto, mas agora, com algumas indicações e no último dia do congresso, convidamos participantes do GT a dividirem conosco este processo.

O que a cidade nos trouxe :

De volta à sala de reunião era visível a inquietação de todos os participantes. Viver um pouco a cidade nos trouxe não só desejo em refletir o encontro mas também uma necessidade de sistematizar essa vivência, de se juntar e construir juntos um pensamento a partir dessas abordagens práticas com a cidade, com o cotidiano. É claro que essas sensações se tornaram mais presentes pelo fato de todos os participantes do grupo exercitarem essa prática em suas criações, mas ali, na programação de um evento acadêmico o prazer tinha outro peso.

Começamos a reunir as impressões de cada um com o intuito de sistematizar a próxima saída :

Para Eduardo Andrade « *sair da sala e viver a cidade trouxe uma fruição estética ao ver a cidade como um discurso e como vestígios para conexões futuras. Uma sensação de estranhamento de se fixar num lugar de passagem* », Denise Pedron sentiu uma dificuldade em « *criar uma conexão coletiva* », Eloisa Brantes propôs que o parque fosse o nosso « *jardim do aquecimento, a preparação* » e que « *deitar no viaduto foi o começo de tudo* ». Francis Wilker chama a atenção para a valorização « *da percepção interna do tempo e a memória gerada pela experiência na cidade* », Roberson Nunes conclui que « *o jogo com o `andar de costas´ trazia algo como `olhar para o passado-futuro. O medo*

no olhar de quem observa e o discurso de quem vê nos alimentava ».

Depois de ouvirmos e refletirmos a respeito dessas impressões começamos a esboçar um roteiro com dispositivos como forma de sistematizar essa experiência. Não sistematizar como método mas como um roteiro aberto à prática, ao acaso. No dia seguinte Francis Wilker nos trouxe o seguinte roteiro :

Como eu sou agora, nessa hora ?

Movimento 1- Caminhar em silêncio da UFRGS até o parque ; Explorar os espaços e elementos do parque. O tempo de cada movimento é definido em grupo, ou quando todos do grupo sentirem que o movimento acabou ;

Movimento 2- Fazer a travessia do viaduto, de costas, experimentando « alargamentos » de tempo para se deslocar. Esse movimento é livre e caso algum participante quiser sugerir outro estímulo, como por exemplo deitar-se no chão ou ficar parado é permitido ;

Movimento 3- Experimentar formas de « habitar », se relacionar na parte inferior no viaduto. Nesse movimento é importante se abrir para o outro que passa e que habita o local.

Finalizando o trabalho a partir das reflexões de cada um e sistematizado o roteiro da vivência decidimos propor essa prática aos outros participantes do GT no último dia da reunião como a possibilidade de uma prática coletiva de vivenciar o cotidiano da cidade que abrigava o evento.

Essas práticas vistas como uma sociologia do cotidiano, também estimuladas pela Fenomenologia e pela Etnociologia podem levar o pesquisador em Artes Cênicas a caminhos antes vistos como marginais ou mal vistos pela sociedade acadêmica. A partir desses estímulos podemos nos colocar no lugar do que observamos. Claro que é necessário estar muito bem embasado, muito bem preparado para fazer uso dos objetos sociais e é isso que buscamos. Ficar na sala do GT discutindo textos não nos interessava naquele momento.

Como contribuição de diálogo com essa reflexão, vejo também, que muitos autores estão na mesma sintonia de fazer o artista-pesquisador se liberar de modismos e aprofundar sua pesquisa com procedimentos mais ligados à arte. Alguns dos textos questionam a rigidez acadêmica que paralisa o pesquisador em um formato que já não é o único em se tratando do campo da arte. No texto “*Elogio da razão sensível*” o autor Michel Maffezoli (1998), por exemplo, propõe um envolvimento mais profundo com o objeto possibilitando ao pesquisador imergir no cotidiano de seu objeto. Assim, acompanhar o cotidiano de cada um e como essa relação reflete na criação destes artistas terá um outro

direcionamento a partir da leitura e aplicação de textos como esses. Valorizando a descrição, a intuição, o uso de metáforas, legitimando o conhecimento do senso comum, possibilitando práticas como a vivência como forma de iluminação causada pela abertura dos sentidos.

Outra obra que segue essa tônica é “*O sujeito encarnado: questões para pesquisa no/do cotidiano*” de Denise Najmanovich (2001) que nos mostra a importância de situar o sujeito e o lugar da enunciação, como essa prática é vista na ciência, na arte e na filosofia e como nossa noção de corpo emerge da nossa experiência social e histórica. Nas pesquisas em Geografia e Urbanismo esse já é um caminho bastante difundido através de autores como Henry Lefebvre (1991) “*O direito à cidade*” e Angelo Serpa (2007) “*Espaço público na cidade contemporânea*” que valorizam não somente o sujeito como também o lugar em que ele está inserido. Assim para falar de atores que trabalham na Praça da Sé, por exemplo, é preciso também situar e apresentar esse lugar, já que para a pesquisa a Praça da Sé é o local onde esses atores estão inseridos. Para Najmanovich é importante a afirmação da corporalidade do sujeito levando em conta alguns pontos:

- 1- Implicar o sujeito;
- 2- Contemplar o lugar da enunciação;
- 3- Conhecimento implica interação.

Esse é um momento muito importante em que o debate sobre Arte e Ciência toma conta dos grandes seminários e da produção científica de diversos autores. A ABRACE (Associação Brasileira de Pesquisa e Pós Graduação em Artes Cênicas), por exemplo, lançou o livro “*Arte e ciência: abismo de rosas*” organizado por Luiz Fernando Ramos (2012) no qual podemos encontrar vários artigos que aprofundam essa discussão tentando libertar a Arte da necessidade de uma legitimação científica.

Se nos debruçarmos sobre a obra de Jacques Derrida a partir do livro “*Pensar a desconstrução*” (vários autores). Nos artigos apresentados no livro somos estimulados a dizer “sim” ao estrangeiro, ao desconhecido. Para o Derrida “pensar é agir” o que nos estimula a materializar o pensamento a não ter medo do que se passa no pensamento, a ideia original que quer nascer. Uma forma de trazer poesia à ciência, essa é a função da arte segundo o autor. Se é assim, mais estímulo o artista-pesquisador terá na sua busca por uma nova escrita e um outro envolvimento entre arte e ciência.

Retornando ao nosso experimento, no último dia da reunião, dia em que todos os grupos deveriam propor uma avaliação e interação, propomos nada falar, mas sim sair da sala e todos juntos vivermos e abraçarmos a cidade que nos abrigou levantando a possibilidade de novos abraços nas próximas cidades que sediarem os artistas cientistas da ABRACE.

Bibliografia consultada:

BONDER, Nilton. **O segredo judaico de resolução de problemas: a utilização da ignorância na resolução de problemas**. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

LEFEBVRE, Henri. **O Direito à Cidade**. São Paulo: Editora Moraes, 1991.

MAFFESOLI, Michel. **Elogio da razão sensível**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1998.

NAJMANOVICH, Denise. **O sujeito encarnado – questões para pesquisa no/do cotidiano**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

NASCIMENTO, Evando. **Jacques Derrida. Pensar a desconstrução**. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

RAMOS, Luiz Fernando. **Arte e ciência: abismo de rosas**. São Paulo: ABRACE, 2012.

SERPA, Angelo. **O Espaço Público na Cidade Contemporânea**. São Paulo: Editora Contexto, 2007.